

O ROMANCE DO ETERNO RETORNO: "O FILHO ETERNO"

Gerson Valle

A literatura em língua portuguesa, mesmo com toda crise livresca da era "internética", continua viçosa. Em Portugal, têm-se até um prêmio Nobel, o José Saramago, com estilo próprio renovador e um humanismo exemplar. Para não pontuar com muitos nomes ainda em plena força produtiva e significativa, basta lembrar o caso do ficcionista extremamente bem sucedido, o moçambicano Mia Couto. No Brasil, não há concurso de conto, romance, poesia, em que não apareçam muitos bons concorrentes, sendo que alguns deles já com bela obra publicada. Às vezes desponta um escritor demonstrando conhecer todos os meandros da narrativa, e ainda com disposição ensaística de pesquisador, o que, para minha concepção literária é de grande valia, como o caso de um João Silvério Trevisan (e a fusão da ficção com a pesquisa e o ensaio, no caso, se fez bem presente em seu romance "Ana em Veneza", de que sempre lamentei o curso subjetivo da última parte, compreendendo, no entanto, tratar-se de mais uma faceta de afirmação da contemporaneidade). Recentemente, CRISTOVÃO TEZZA arrebatou inúmeros prêmios importantes e a leitura de um público considerável (8 edições em três anos) com seu romance "O filho eterno" (Editora Record, 8ª edição de 2009).

Trata-se de um romance escrito de forma propositalmente comedida, dentro de uma concepção que me parece bem delineada de lhe dar uma forma significativa para o próprio tema que trata. Como se na forma o tema ressaltasse. E, conforme demonstra o sucesso obtido, extremamente fascinante na continuidade natural da narrativa, prendendo o leitor em suas 222 páginas. O tema é o do pai que sofre o impacto de início e procura acompanhar o processo existencial de um filho com a síndrome de Down, passando, com a convivência e a própria ternura espontânea do filho a viver com ele as repeti-



O escritor Cristóvão Tezza

ções de cada dia, integrando-se em seu mundo. Não há razão para se fazer uma sinopse, uma vez que a narrativa não procura linhas evolutivas, mas sim reproduzir o conhecimento da síndrome, através de contatos médicos, fisioterápicos, psicológicos... A síndrome que faz com que a pessoa repita cada dia as mesmas experiências como se fosse a primeira vez, não guardando memória prolongada de nada nesta vida. A idéia de cada dia retornar à estaca zero, passar pelos jogos, emoções e conhecimentos como se nunca nada disto tivesse ocorrido antes se encontra com a filosofia nietzschiana do ETERNO RETORNO. E Nietzsche é mesmo citado pelo narrador do romance (o pai, e é de se supor o próprio autor) algumas vezes. O ETERNO FILHO do título se justifica não só pela dependência eterna e eterna ligação com o pai, mas também com a idéia de um ETERNO que se consubstancia em retornar sempre ao início, sem etapas evolutivas e/ou conclusivas. E o romance assim se constroi.

Paralelamente ao "diário" do relacionamento do pai com o filho excepcional, há também a lembrança do narrador de sua juventude, com uma experiência dos tempos da ditadura militar, quando esteve em Coimbra (na época da Revolução dos Cravos) e ilegalmente na Alemanha, num trabalho marginal. Desde jovem se dizendo escritor, acaba se formando em Letras, tornando-se professor de Literatura, e seus livros, depois de ficarem anos na

gaveta, começam a ser publicados. Há, assim, uma aparente ascensão continuada na vida do narrador que diverge da posição estacada do "diário" com seu filho. E é notável a forma com que tal paralelo é colocado em revezamento (com recursos como o da rima cinematográfica) das descrições da relação pai-filho e síndrome de Down e as memórias dos tempos da mocidade do narrador. Na verdade, no entanto, o temperamento e gostos do narrador-pai não parecem mudar com sua "evolução" de vida. De repente, ele sai de seu carro, furiosamente, querendo brigar com um senhor que simplesmente buzina atrás do engarrafamento em que se encontrava. Irrracionalmente, ao contrário do bom senso esperado de quem demonstra, nas citações, conhecimentos e reflexões mais cultivadas. Há nele também demonstrações de um "eterno retorno" que se adequa à maneira do filho. Ele próprio, aliás, se diz, algumas vezes, "autista", sem maiores explicações, e, claro que não com significado literal, mas simbólico. Como simbólica é a figura de um "guru" referido sem maiores explicações de quem fosse e de que representaria. Também não delineada é a figura da mulher do narrador. A ação se concentra tanto na relação pai-filho, que a pessoa fundamental nesta relação, a mulher e mãe, não é nunca referida com nome, personalidade, coisa alguma. É como também integrasse a visão de mundo sem contornos precisos da própria síndrome de Down.

O que poderia, para muitos, levar ou a um manual sobre a síndrome de Down, ou até numa simples "auto-ajuda" para se "conviver" com o Down, torna-se, nas mãos de um grande escritor, um fascinante romance bem estruturado. Só se pode desejar que continue sua bela carreira, divulgando a boa Literatura.

GERSON VALLE é autor da novela "A igreja invadida", que a partir do final de março estará no site www.freitasbastos.com.br